



Fake News e seus diferentes tipos: por que acreditamos?¹

M.V.S. Francisco^{1*}; M.B. Matos¹

¹IFSP - Campus Cubatão

*manoella.francisco@aluno.ifsp.edu.br

Resumo

A presente pesquisa tem como finalidade abordar os diferentes tipos de *fake news*, trazendo a importância de se ter uma definição elucidativa para o termo; visto que, só é possível classificá-las, se compreendermos o que a *fake news* engloba. A palavra ganhou destaque após as eleições norte-americanas de 2016, desde então vários estudos vêm sendo feitos acerca do fenômeno, por esse motivo, o exibido trabalho procura trazer aquilo que julga relevante para o entendimento do assunto. Enfatizamos os diferentes tipos de *fake news* que não apresentam informações falsas, porém ainda são classificadas como tal. Julgamos que seja necessário, para melhor compreensão do tema, abordar a teoria de Dissonância Cognitiva, pois ela ajuda na explicação do porquê acreditamos em determinadas informações, mostrando que o fenômeno também está relacionado com o estado psicológico. Um dos objetivos da pesquisa é fornecer conhecimento acessível no que concerne à *fake news*.

Palavras-chave: *Fake news*, classificações, Dissonância Cognitiva

1. Introdução

A palavra *fake news* tornou-se recorrente no cotidiano, sendo escolhida como palavra do ano de 2017, segundo o dicionário britânico Collins. Esse termo ganhou destaque com as eleições do candidato estadunidense Trump em 2016 e durante a saída do Reino Unido da União Europeia. E, desde então, as *fake news* foram largamente usadas em campanhas eleitorais, como nas eleições do México em 2018, na Índia, que ocorreram entre 2018 e 2019, e para citar por último, as eleições brasileiras de 2018^[1]. Ou seja, é notório que as *fake news* apresentam um cunho político com a intenção de desinformar ou confundir o leitor, logo, elas são uma ameaça às democracias, pois não permitem que o cidadão saiba sobre a verdade dos fatos^[2]. Contudo, o perigo das *fake news* não é somente no campo político; em 2020 com o início da pandemia da COVID-19 ela demonstrou ser um grande problema para a saúde, visto que a desinformação pode ser mortal. Em vista disso, a Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e a Cultura (UNESCO) denominou como desinfodemia o grande volume de informações (falsas ou verdadeiras) que dificultam o acesso às informações devidamente apuradas^[3].

Nos anos 90 havia a crença de que a internet proporcionaria maior liberdade de expressão e que as pessoas poderiam acessar notícias enviesadas de grandes veículos de informação, todavia isso concedeu espaço para a desinformação, que são disseminadas com maior velocidade do que as notícias reais^[4]. Dessa maneira, é possível encontrar *fake news* em redes sociais como *Whatsapp*, *Twitter* e *Facebook*, por exemplo, além de elas, também, estarem presentes em sites que se declaram como difusores de notícias. As *fake news* são um fenômeno “altamente volátil” (p. 38)^[5] e que precisa ser delimitado para evitar ambiguidades. Consoante a isso, é possível defender que o fenômeno não pode ser estudado como algo sólido, porque existem diferentes tipos de *fake news*, sendo necessário analisar a motivação de quem produziu a desinformação; se o interesse é enganar o leitor ou se há retorno financeiro^[6]. Há, também, uma classificação que divide as *fake news* em três: desinformação (*disinformation*), que consiste em disseminar

¹ Este trabalho é um recorte de um projeto maior sob orientação do Prof. Dr. Rubens Lacerda de Sá.



informações falsas com a finalidade de atacar alguém ou algum grupo, a informação maldosa (*mal-information*), da mesma maneira, tem a intenção ferir a honra de alguém, contudo utiliza informações verdadeiras para atacar. E, por último, a informação que não é verdadeira (*misinformation*), que não tem objetivo de atingir ninguém em específico, porém os fatos não foram apurados de forma correta. Sendo assim, percebe-se que não há um consenso bibliográfico sobre os diferentes tipos de desinformações que circulam na internet^[7].

Outro aspecto que ajudará a compreender com mais profundidade as desinformações é buscar entender o motivo das pessoas acreditarem em *fake news* com tanta facilidade. É possível perceber, principalmente nesse último ano, que não há um padrão, com relação às pessoas que acreditam em desinformações, que esteja somente relacionado à falta de acesso à informação, grau de escolaridade, condição ou desvio de caráter. Portanto, este trabalho recorreu à teoria da Dissonância Cognitiva^[8], que pertence ao campo da Psicologia Social. Essa teoria explica que o ser humano tende a evitar (ou reduzir ao máximo) entrar em contato com informações que confrontam suas crenças, pois isso provoca um incômodo psicológico (dissonância). Posto isso, fica ainda mais claro o porquê as desinformações avançam com tanta facilidade, principalmente com o advento dos algoritmos que nos colocam em “bolhas” e expandem discursos através das câmaras de eco (*echos chambers*)^[9].

Dessa maneira, a presente pesquisa objetiva estudar a literatura sobre as classificações das *fake news*. E, simultaneamente, coletam-se *fake news* que circulam em *Whatsapp*, *Twitter* e *Facebook*, além daquelas que estão dispostas em sites que se declaram como noticiosos. Esses dados serão analisados posteriormente e classificados de forma didática, para que a pesquisa contribua para o combate à desinformação. Do mesmo modo, pretende aprofundar a compreensão sobre aspectos da mente que levam as pessoas a crerem naquilo que desejam.

2. Materiais e Métodos

2.1. Materiais

Os materiais que estão sendo usados nessa pesquisa são os computadores, *smartphones* e internet das pesquisadoras, as literaturas especializadas e *fake news* disponíveis no *Whatsapp*, *Twitter*, *Facebook* e sites noticiosos.

2.2. Metodologia

A fim de compreender sobre a amplitude das *fake news*, foram realizados, até o momento, fichamentos e leituras de literatura especializada na área das *fake news*. Assim como análise e comparação das classificações de diferentes autores, que serão discutidos nos resultados.

Simultaneamente ao estudo, há a coleta de diferentes *fake news*, apresentadas na linguagem verbal e híbrida, disponíveis no *Whatsapp*, *Twitter*, *Facebook* e em sites que divulgam notícias. O recolhimento dos dados deu início no mês de Julho de 2021 e pretende-se continuar até Julho de 2022. A procura dos dados acontece de forma quinzenal e, também, aquelas *fake news* que aparecem de forma orgânica são recolhidas. Para garantir que os dados que estão sendo recolhidos são desinformações, as pesquisadoras conferem o conteúdo comparando com notícias veiculadas por jornais de grande circulação, como *Estadão*, *Folha*, *A Gazeta*, como também sites de notícias, por exemplo *UOL* e *G1*. Da mesma forma, recorre-se aos sites de checagem de fatos; *Aos Fatos*, *E-Farsas* ou *Agência Lupa*.



Essa pesquisa baseia-se, como parte da metodologia, na Teoria Fundamentada idealizada pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss. Essa teoria é caracterizada como metodologia qualitativa, usada para que o pesquisador consiga manusear os dados de forma organizada. Outra característica da Teoria Fundamentada, é que ela consiste no pesquisador coletar os dados e, posteriormente, a partir dos indicativos dos materiais, analisar qual será a teoria que o auxiliará para examinar os dados^[10].

3. Resultados e Discussão

Após a revisão bibliográfica, acerca das *fake news*, encontrou-se que elas possuem diferentes tipos. Há a classificação de *disinformation*, *misinformation* e *mal-information*^[7], dando-se destaque para *mal-information*, visto que ela não faz referência a uma informação falsa, mas sim, à utilização de uma informação verdadeira para difamar a imagem de alguém. Isso mostra que as *fake news* vão além do senso comum de achar que é apenas uma notícia/informação falsa. Outro tipo é o signo sensacionalista e signo manipulado^[2], que também não são compostos por informações falsas, mas apresentam manipulação na divulgação de notícias. Esses signos, muitas vezes, passam despercebidos, dado que eles podem aparecer de forma implícita e estão presentes em todos os canais de comunicação. Mais uma classificação, diz respeito ao retorno financeiro que algumas divulgações de *fake news* podem oferecer; no entanto, essa classificação é difícil de ser avaliada, porque não são em todas situações que se tem acesso à informação de que houve, ou não, benefícios monetários^[6]. Dessa forma, é possível compreender que não há uma única classificação para *fake news*, essas são, apenas, algumas classificações que foram julgadas pertinentes.

Durante a pesquisa, um dos desafios têm sido encontrar *fake news*. Parece ser de fácil acesso achar essas informações, porém existem os algoritmos de inteligência artificial, que levam as pessoas a participarem de “bolhas” nas redes sociais. Essas “bolhas” fazem certas informações não aparecerem para determinadas pessoas, por esse motivo, houve a necessidade de procurar grupos que divulgassem *fake news*; alguns desses grupos são difíceis de encontrar, pois, às vezes, é necessário que se conheça alguém que já faça parte. Os sites de notícias que aparecem na busca do Google, são sites de ampla divulgação como G1, O Globo, Estadão, Folha, entre outros. Por essa razão, achar notícias com informações falsas, dependendo de qual “bolha” a pessoa participa, pode vir a ser um obstáculo. Os algoritmos têm o poder de amplificar os discursos, por meio das câmaras de eco (*echo chambers*)^[9], e elas ajudam na divulgação das *fake news*, já que é capaz de aproximar sujeitos com discursos semelhantes.

As “bolhas” servem para a divulgação de informações que sejam compatíveis com o comportamento de cada um nas redes sociais/internet. Isso está relacionado com o fato de que as pessoas procuram manter suas crenças/opiniões em consonância, além disso, o ser humano está sujeito à dissonância, desconforto psicológico, quando precisa tomar decisões ou é exposto à informações contrárias às suas crenças/opiniões^[8]. Desse modo, é possível depreender que os algoritmos funcionam como uma ferramenta que ajuda as pessoas a manterem a consonância. É claro que isso é prejudicial, uma vez que é normal os sujeitos evitarem entrar em dissonância, logo, se uma pessoa fizer parte de “bolhas” que divulgam *fake news*, ela irá evitar de entrar em contato com notícias verídicas.

4. Conclusões

Consta-se que uma definição clara para *fake news* é indispensável, visto que, é essencial para o entendimento de como elas se comportam e quais suas facetas, para assim conseguir



desenvolver pesquisas que possam ajudar no combate às *fake news*. Indicar os diferentes tipos mostra-se fundamental, pois, como foi dito anteriormente, as *fake news* aparecem em diversos formatos e não está relacionada apenas à informações falsas. O fato das pessoas acreditarem em determinadas notícias, não é relativo à condição social ou nível de instrução, mas está relacionado, também, à Dissonância Cognitiva e ao esforço em manter a consonância, para que não haja desconforto psicológico. A coleta de dados ocorre em redes sociais (Facebook, Twitter, WhatsApp etc.) e sites, como ressaltado antes, foi encontrada dificuldade em adentrar certas “bolhas”, pelo fato das pesquisadoras não fazerem parte delas. Dessa forma, a pesquisa busca deixar acessível o conhecimento acerca desse, relativamente, novo fenômeno chamado *fake news*. Buscando levantar os estudos mais relevantes feitos acerca do fenômeno, trazendo luz ao fato de que *fake news* está além de somente informações falsas, e que está relacionado, também, a comportamentos psicológicos suscetíveis a qualquer um.

Agradecimentos

Agradecemos ao IFSP – Câmpus Cubatão e ao nosso orientador por nos incentivar e auxiliar.

Referências

- [1] DOURADO, T. M. S. G. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no brasil**. Doutorado (Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação) - Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/31967/1/Tese_Tatiana%20Dourado.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.
- [2] SANTAELLA, Lucia. A semiótica das fake news. **VERBUM**, 2020. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50522>>. Acesso em: 7 maio 2021.
- [3] POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. **Disinfodemic: Dissecting responses to COVID-19 disinformation**. Paris: UNESCO, 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_dissecting_responses_covid19_disinformation.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.
- [4] SARGENTINI, Vanice; VARONI DE CARVALHO, Pedro Henrique. A vontade de verdade nos discursos: Os contornos da Fake News. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. **Discurso e (pós)verdade**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021. p. 73-85.
- [5] MENESES, João Paulo. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. **Observatório (OBS*)**, Special Issue, v. 12, n. 4, p. 31-52, 2018. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376/pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- [6] VERSTRAETE, Mark; BAMBAUER, Jane R.; BAMBAUER, Derek E. Identifying and countering fake news. **Hastings Law Journal**, Forthcoming, v. 73, 2021. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3007971#>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- [7] WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. [S. l.]: Council of Europe, 2017. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>>. Acesso em: 13 set. 2021.
- [8] FESTINGER, Leon. **Teoria da dissonância cognitiva**. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1962.
- [9] ACKLAND, Robert; GWYNN, Karl. Truth and the dynamics of news diffusion on twitter. In: GREIFENEDER, Rainer; JAFFÉ, Mariela E.; NEWMAN, ErynJ.; SCHWARZ, Norbert. **The psychology of fake news: accepting, sharing, and correcting misinformation**. New York: Routledge, 2021. cap. 3. *E-book*.
- [10] SÁ, Rubens Lacerda de. Grounded Theory em Diálogo Transdisciplinar com os Estudos de Linguagem. In: BRITO, Pedro Amaro de Moura; BRITO, João Rodrigo de Moura. **Estudos da Linguagem: interfaces na linguística, semiótica e literatura em perspectiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. cap. 1, p. 11-29.